

POLOS OPOSTOS: THOMAS MANN e HEINRICH MANN *

Christine Wischmann **
e Karin B. Christmann ***

Quando se comemora o centésimo aniversário de um escritor, e além disso de um escritor tão famoso quanto Thomas Mann, costumam-se relatar apenas os fatos louváveis de sua vida e obra. Mesmo assim há pessoas, embora não muitas, que não consideram somente o aspecto positivo de Thomas Mann. Na vida e na obra deste escritor, encontram-se fatos que às vezes perturbam leitores de espírito crítico. Quanto mais reconhecida é uma obra e mais famoso seu autor, tanto mais violenta há de ser a crítica ao chegar-se a um indício convincente. E quanto mais este escritor nos tiver proporcionado, no que se refere ao estilo e à forma, tanto mais se imporá a pergunta: "Acaso isto é tudo?" Esta é a questão que todo verdadeiro crítico literário deveria levantar.

Em um ponto todos estão de acordo: Thomas Mann é um dos últimos grandes romancistas burgueses. Ele reviveu em suas obras a evolução social dos últimos séculos, isto é, a ascensão da classe média à cultura e consciente burguesia. Descreveu em todo o seu esplendor o auge da cultura burguesa, desde a etiqueta até à receptividade artística. Ele defendeu e exaltou toda esta cultura com uma eloquência modelar por sentir a já iniciada decadência da classe burguesa (apesar de não ousar declará-lo).

Não era assim seu irmão. No exterior muitas vezes se desconhece que Thomas Mann teve um irmão mais velho, o qual cresceu na mesma casa paterna e também se tornou um escritor bem sucedido, embora sua fama tenha sido, mais tarde, sobrepujada pela de

* Palestra realizada no Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná em comemoração ao centenário de nascimento do escritor alemão Thomas Mann.

** Curriculum de Christine Wischmann junto a seu artigo Reportagem de guerra das duas frentes literárias alemãs, neste mesmo número.

*** Karin B. Christmann é Licenciada em História pela Universidade Federal do Paraná e leciona Língua Alemã no Institut Cultural Brasileiro-Germânico/Goeth-Institut Curitiba.

Thomas Mann. Permitam-nos apresentar um resumo da vida dos dois irmãos e, ao mesmo tempo, citar os pontos principais de suas obras.

Thomas Mann nasceu em 1875 em Luebeck/Alemanha, como filho de um comerciante de cereais e cônsul dos Países Baixos, e de Julia da Silva-Bruhns, nascida em Angra dos Reis.

Seu irmão, Heinrich Mann, nascera cinco anos antes. Thomas Mann deixa a escola secundária para trabalhar em uma companhia de seguros. Torna-se ouvinte na Escola Técnica de Munique, com o propósito de ser jornalista.

Enquanto isso, Heinrich já está trabalhando na redação de uma revista em Roma.

Thomas Mann viaja para a Itália afim de encontrar o irmão. Contribui com alguns artigos para a mesma revista. Por ter obtido êxito com alguns pequenos trabalhos, o editor Fischer o convida para escrever uma obra de maior vulto. Thomas inicia os **Buddenbrooks**. Em 1901 surgem **Os Buddenbrooks** em dois volumes. O romance descreve a vida de três gerações de uma abastada família de comerciantes em Luebeck. Sucessivamente esta família entra em decadência. Enquanto o avô personifica a vitalidade, o neto a sublima, alcançando sensibilidade artística, que entretanto acarreta um enfraquecimento físico. Apesar do tom pessimista percebe-se o saudosismo do autor pela vida burguesa. Em parte o romance é autobiográfico.

Em 1905 Thomas Mann casa-se com Katja Pringsheim, filha de uma família rica.

No mesmo ano, Heinrich publica a novela satírica **Professor Unrat** (Professor Lixo). Este romance se tornou mundialmente famoso ao ser filmado sob o título **O Anjo Azul**, com Marlene Dietrich no papel principal. Trata-se da história de um professor que vive numa pequena cidade do Império Alemão e que tiraniza seus alunos por ser extremamente moralista. Apaixona-se, porém, por uma cantora de terceira categoria, indo contra a própria moral por ele pregada. Deste modo arruína sua vida.

Pelo sucesso obtido com os **Buddenbrooks**, Thomas Mann é convidado a fazer uma série de conferências em diversas cidades. Em 1909 ele publica o romance **Koenigliche Hohelt** (Alteza Real), que descreve como o herdeiro do trono de um pequeno principado alemão casa com a filha de um milionário americano. Através desta união consegue sanear o Estado e dar, ao mesmo tempo, um significado à sua existência até então decorativa.

No mesmo ano Heinrich publica o romance **Die Kleine Stadt** (A Pequena Cidade)). O romance descreve a vida em uma pequena cidade italiana, onde a chegada de um grupo de ato-

res perturba os costumes dos cidadãos, que começam a agir de maneira contrária à moral existente.

Em 1911, Thomas Mann, sua esposa e Heinrich viajam a Veneza. Das impressões desta viagem surge a novela **Der Tod in Venedig** (Morte em Veneza). Nesta novela o personagem principal visita Veneza, onde sua harmonia interior burguesa é ameaçada pela força atrativa de um jovem rapaz, intensificada ainda pela atmosfera mortal de uma epidemia de cólera.

Em 1912 Katja Mann contrai uma doença pulmonar e permanece por seis meses num Sanatório na Suíça. Thomas Mann a visita e fica tão impressionado com o ambiente e com o que a esposa lhe conta, que escreve o romance **Der Zauberberg** (A Montanha Mágica). O romance trata da atmosfera de um Sanatório para doenças pulmonares onde, em parte pela natureza da própria doença, em parte pelo lazer de que os doentes desfrutam por meses ou até anos, se desenvolve um aprimoramento e enriquecimento dos caracteres.

Enquanto Thomas Mann escreve **A Montanha Mágica**, o sucesso dos **Buddenbrooks** é tão grande que o editor Fischer lança uma edição especial para as pessoas de menor poder aquisitivo. Segundo a viúva Katja Mann¹ foram precisos 40 caminhões para abastecer as livrarias de Berlim por ocasião do lançamento desta edição especial.

Em 1914 irrompe a Primeira Grande Guerra. Neste mesmo ano Heinrich Mann casa-se com uma atriz da qual irá separar-se mais tarde. Nesta época as divergências ideológicas entre os dois irmãos aumentam. Heinrich Mann escreve um ensaio denominado **Zola**, no qual ele ataca os escritores apolíticos.

Thomas Mann responde com o ensaio **Betrachtungen eines Unpolitischen** (Reflexões de um Apolítico).

Em 1918 Heinrich Mann publica a novela satírica **Der Untertan** (O Súdito). Esta novela é a primeira parte de uma trilogia. Seu personagem principal é o dono de uma fábrica na época do Império Alemão. Por ser muito ambicioso, ele arruína alguns de seus concidadãos, embora no íntimo seja um covarde mesquinho.

Thomas Mann sempre viaja muito, principalmente para fazer conferências (Viena, Budapeste, Espanha, Inglaterra, Holanda e Cairo). Em 1929 viaja com a esposa para Estocolmo para receber o Prêmio Nobel. Em 1933 viaja à Holanda e a Paris para fazer uma conferência sobre Wagner, chamando-o um "genial diletante". A conferência é

¹ MANN, Katja. **Meine ungeschriebenen Memoiren**. Frankfurt/Main, Fischer Taschenbuch, 1974. p. 41.

muito criticada pelos nazistas que o acusam de traidor intelectual da pátria.

Heinrich Mann chega a Paris como refugiado político, sem bagagem alguma.

Também Thomas Mann não pode retornar à Alemanha e passa a residir na Suíça. É abjudicado da cidadania alemã, mas seus filhos salvam grande parte de seus manuscritos. No mesmo ano é publicado o primeiro volume duma tetralogia, **Joseph und seine Brüeder** (José e seus Irmãos), no qual ele interpreta a história bíblica à luz dos conhecimentos da psicologia, para transportá-la aos valores humanos em geral.

Entre 1934 e 1938 é convidado várias vezes a visitar os EUA para realizar conferências. Lá recebe, em 1935, juntamente com Albert Einstein, o título de Doutor Honoris Causa. É convidado pelo Presidente Roosevelt para visitar a Casa Branca.

Heinrich Mann, que vive na França sem muito dinheiro, publica em Amsterdã seu romance **Die Jugend des Koenigs Henri Quatre** (A Juventude do Rei Henrique IV). Este romance é a primeira parte de dois volumes, no qual um rei francês do século XVII é descrito como primeiro grande democrata, um rei aceito pelo povo. Por sua inteligência, a razão vence o fanatismo daquela época.

Thomas Mann regressa à Suíça. Em 1936, lhe é conferida a cidadania tchecoslovaca. Por ocasião de sua 4.ª viagem aos EUA, Thomas Mann tem notícias da anexação da Austria ao "Reich" Alemão. Decide fixar residência na América do Norte. Em 1938 emigra para os EUA. O reitor da Universidade de Princeton confere-lhe uma cátedra. Recebe o título de Doutor Honoris Causa de diversas universidades americanas. Faz inúmeras palestras e conferências, viajando muito.

Em 1940 a França é ocupada pelas tropas nazistas. Heinrich Mann, que se tinha engajado politicamente, precisa fugir. Com sua esposa (e um filho de Thomas Mann) ele atravessa os Pirineus chegando a Lisboa onde embarcam para os EUA. Lá se encontram com Thomas Mann.

Enquanto seu irmão alcança rapidamente a fama, Heinrich tem uma vida penosa e, ao contrário de Thomas, não consegue obter a cidadania americana, sobretudo por suas tendências socialistas. Vive de trabalhos ocasionais, precisando inclusive pedir ajuda financeira ao seu irmão. Além disso, sua segunda esposa se suicida.

Durante a guerra, Thomas Mann também se engaja politicamente, falando através da BBC ao povo alemão. Após a Segunda Grande Guerra, faz uma viagem a Europa, mas a entrada na Alemanha lhe é proibida. Os escritores que permaneceram na Alemanha durante a guerra e sofreram a pressão política reinante, o censuram por ter

abandonado a pátria muito cedo, sem tentar, com sua influência, minorar as brutalidades do "Terceiro Reich". Thomas Mann regressa aos EUA. Pouco tempo depois volta à Alemanha, sendo recebido agora cordialmente. Recebe novamente o título de Doutor Honoris Causa que lhe fora abjurado durante o "Terceiro Reich".

Heinrich Mann, que passou seus últimos anos na solidão, falece em 1950 na Califórnia. Não chega a aceitar o convite para presidir a Academia de Arte em Berlim Oriental.

Até suas últimas semanas de vida, Thomas Mann vê sua fama crescer mais e mais. Morre em 1955 num hospital em Zurique, com a idade de 80 anos.

Para tornar mais claras as diferenças ideológicas entre os dois irmãos, queremos citar alguns trechos de suas obras. De Thomas Mann citaremos uma passagem dos **Bruddenbrooks**, e de Heinrich Mann uma passagem do **Súdito**.

O texto de Thomas Mann nos mostra como numa distinta família burguesa, os pais arranjam o casamento convencional de sua filha Tony:

Lamentei sinceramente, prezada senhorita, não tê-la encontrado em casa — disse o Sr. Gruenlich quando Tony, ao voltar de um passeio, encontrou-o, alguns dias depois, na esquina da Mengstrasse e da Breitestrasse.

— Tomei a liberdade de apresentar os meus cumprimentos à senhora sua mãe e senti muito sua ausência. Como estou contente por encontrá-la!

A Srta. Bruddenbrook havia parado quando o Sr. Gruenlich começara a falar. Mas os seus olhos semi cerrados tornaram-se de repente escuros; ela ergueu o olhar apenas até a altura do peito do Sr. Gruenlich, mostrando aquele sorriso irônico e totalmente impiedoso com o qual as jovens julgam e rejeitam um homem. [...]

— Esses sentimentos não são mútuos — disse ela, continuando a olhar para o peito do Sr. Gruenlich. Depois de ter disparado esta seta sutilmente envenenada, virou-se, atirou a cabeça para trás e, coroada de orgulho pela sua sarcástica espiritualidade, foi para casa, onde soube que o Sr. Gruenlich fora convidado para um assado de vitela no domingo seguinte.

Ele veio. Veio vestindo uma sobrecasaca afunilada, com muitas dobras já um tanto fora de moda, mas ainda elegante, que lhe dava uma aparência séria e respeitável; veio, rosado e sorridente, com o cabelo ralo e as suíças perfumadas cuidadosamente penteados. Comeu "ragout" de mariscos e sopa juliana, linguados fritos, vitela assada com purê de batata e couve-flor, pudim de marasquino e 'Pumpnickel' com queixo de Roquefort, tecendo novos elogios para cada prato, o que soube fazer com elegância. [...]

Quando o Sr. Gruenlich se despediu nesta noite, confirmara-se a impressão que causara a sua primeira visita.

— Um homem de educação esmerada! — disse a consulesa.

— Um bom cristão e digno de nosso respeito! — disse o cônsul. [...] Tony deu as 'boas noites' com um olhar sombrio, pois pressentia vagamente que não vira pela última vez esse senhor que conquistara a estima de seus pais com tão extraordinária rapidez. [...]

Oito dias depois, ocorreu aquela cena na copa... Tony desceu às nove horas e admirou-se de encontrar os pais ainda à mesa do café. Ela deixou-se beijar na testa, sentou-se no seu lugar, alegre, faminta e com olhos ainda avermelhados de sono, e serviu-se de açúcar, manteiga e queijo fresco.

— Que bom, pai, que ainda estás em casa — disse ela, enquanto pegava o ovo quente com o guardanapo, abrindo-o com a colher.

— Eu estava esperando hoje pela nossa dorminhoca — disse o cônsul, que estava fumando um charuto e batia de leve e ritmicamente na mesa com o jornal dobrado. A consulesa, por sua vez, terminava lentamente e com gestos graciosos o seu desjejum, recostando-se depois no sofá. [...]

— Minha querida filha, — disse o cônsul, depois de um momento de silêncio — a questão que temos de discutir contigo está relacionada com esta carta. — E em vez de tamborilar com o jornal na mesa, usava agora um grande envelope azulado. — Para encurtar nossa conversa: o Sr. Bendix Gruenlich, que todos nós conhecemos como homem sério e amável, escreve que, durante a sua permanência entre nós, se afeiçoou profundamente à nossa filha e pede a sua mão com todas as formalidades. Que diz a nossa querida filha a esse respeito?

Tony recostara-se na cadeira, baixara a cabeça e girava com a mão direita a argola de prata do guardanapo. Subitamente abriu os olhos, olhos que agora estavam profundamente escuros e marejados de lágrimas, e balbuciou com a voz embargada:

— Que quer esse homem de mim? Que mal lhe fiz eu?! — E rompeu em prantos. [...]

O cônsul sorriu. [...]

— Podemos pensar calmamente sobre tudo isso, até devemos pensar calmamente, já que se trata de um assunto muito delicado. Essa é a resposta que, por enquanto, darei ao Sr. Gruenlich, não rejeitando nem aceitando seu pedido. Há muitas coisas em que pensar... muito bem... Estás vendo? Estamos de acordo? Agora papai vai ao serviço. Adeus! — [...]

Tony aos poucos parou de chorar. Tinha a cabeça quente e cheia de idéias. Céus! que situação! Sempre soubera que algum dia se tornaria esposa de um comerciante, contraindo um matrimônio sólido e vantajoso, como o exigia a dignidade da família e da firma. [...]

Começava a envergonhar-se um pouco de sua perplexidade inicial. A idéia de casar com o Sr. Gruenlich ainda não lhe parecia menos absurda do que dez minutos antes,

mas começava a sentir-se satisfeita pela importância de sua posição. [...]

Via, de repente, em sua imaginação algo semelhante às cortinas de seda que havia no salão dos avós... Na função de Mme. Grunlich, ela tomaria chocolate de manhã? Não ficaria bem perguntar isso agora.²

O trecho de Heinrich Mann descreve uma passeata dos desempregados revoltados contra o bloco conservador formado pela monarquia aliada à burguesia que se caracteriza por seu fanatismo.

Diederich andava muito na rua nestes dias frios e úmidos de fevereiro de 1892, na expectativa de grandes acontecimentos. Na avenida Unter den Linden algo havia mudado, mas ainda não se sabia o quê. Nas esquinas estava postada a polícia montada também na expectativa. Os transeuntes chamavam a atenção, uns aos outros, sobre esta demonstração de força. — Os desempregados! — Todos paravam para vê-los chegar. Vinham da direção Norte em pequenos grupos, marchando lentamente. Ao chegarem à avenida Unter den Linden, hesitaram como que perplexos. Entenderam-se através de olhares e dirigiram-se para o palácio imperial. Lá permaneceram mudos, com as mãos nos bolsos, deixaram-se respingar pela lama lançada pelas rodas dos carros, encolheram os ombros sob a chuva que caía sobre os seus surrados casacões. [...]

Um policial a cavalo gritava para que eles fossem adiante, que se afastassem mais para o lado ou até para a próxima esquina — mas já estavam parados novamente; o mundo parecia estar submerso entre suas largas e encovadas faces, iluminadas pela noite, e o muro que se erguia ali adiante, sobre o qual escurecia.

— Eu não entendo — disse Diederich — por que a polícia não toma medidas mais severas. Isto é uma turma de rebeldes.

— O senhor não se preocupe — respondeu Wiebel. — A polícia tem suas instruções. Os senhores lá em cima têm as suas intenções bem calculadas, disse o senhor pode estar certo. — [...]

O trânsito de carruagens ficou paralisado; os pedestres aglomeravam-se e eram arrastados pela torrente lenta em que submergia a praça e por este mar turvo e sujo de miseráveis que avançava viscoso, com sons abafados, e do qual se erguiam, como mastros de navios afundados, varas com os cartazes: PÃO! TRABALHO! Um murmúrio irrompia da massa, ora aqui, ora acolá:

— Pão! Trabalho! — Crescia, revoando sobre a massa como um trovão:

— Pão! Trabalho! — [...]

A polícia os vai empurrando. [...] Então alguém diz:

— Aquele lá não é Guilherme?

Ninguém sabia como era possível marchar em massa

² O texto foi extraído de LANGENBUCHER, Wolfgang. *Antologia humanística alemã*. Porto Alegre, Globo, 1972. p. 264-8.

compacta por toda a extensão da rua e até os flancos do cavalo que o imperador montava: ele em pessoa. Viam-no e o acompanhavam. Grupos de manifestantes eram dissolvidos e arrastados pela massa. Todos olhavam para o imperador. Era um ondular confuso, desordenado, ilimitado, e acima deste ondular um jovem senhor de capote: o imperador. [...]

Dos lados, onde as fileiras eram menos cerradas, pessoas melhor vestidas diziam umas às outras:

— Graças a Deus, ele sabe o que quer!

— Mas o que é que ele quer?

— Mostrar a essa turba quem está com o poder! [...] Não se pode dizer que ele seja covarde. Gente, este é um momento histórico!" [...]

Um jovem com um chapéu de artista que caminhava ao lado de Diederich disse:

— Isto é velho! Em Moscou, Napoleão fez o mesmo: somente, sem proteção, misturou-se com o povo.

Diederich respondeu: — Mas isto é maravilhoso... — e a voz lhe falhou. O outro encolheu os ombros: — Tudo encenação, e não das melhores.

Diederich fitou-o, tentando imitar o olhar faiscante do imperador, e disse:

— O senhor também é um destes. — Mas não estaria em condições de explicar o que queria dizer com 'destes'. Sentiu apenas, pela primeira vez em sua vida, que lhe cabia defender uma causa justa contra as críticas de seus inimigos. Apesar de seu nervosismo, olhou ainda para os ombros do jovem: não eram largos. Ademais, todos ao seu redor mostravam-se indignados. Com isso, Diederich tomou uma atitude. Com a sua barriga, empurrou o inimigo de encontro ao muro e começou a bater nele. Outros o ajudaram. O chapéu já caíra ao chão, e pouco depois o homem caíra também. Diederich, já seguindo os outros, comentou com os que lhe haviam ajudado:

— Aposto que esse não serviu no exército! — [...]

Um senhor idoso, com suíças grisalhas e a cruz de ferro, também estava lá e apertou a mão de Diederich: — Bravo, jovem, bravo!

— Não é de se perder a calma? — perguntou Diederich ainda ofegante. — Quando um sujeito como aquele quer estragar um momento tão solene. [...]

— Permita-me, prezado senhor — alguém gritou, agitando seu bloco de anotações. — Temos de noticiar isso. Como pano de fundo, sabe? O senhor surrou um companheiro?

— Ninharia — Diederich ainda ofegava. — De minha parte poderíamos iniciar logo o combate ao inimigo interno. O nosso imperador já está conosco.

— Ótimo — disse o repórter, e escreveu: 'Na agitada multidão, ouviam-se de pessoas de todas as classes sociais manifestações da maior lealdade e de inabalável confiança no imperador'.

— Viva! — gritava Diederich com todos. E em meio a essa avalanche de pessoas ele alcançou o Portão de Bran-

denburbo. Dois passos à sua frente cavalgava o imperador. Diederich podia ver-lhe o rosto, a sua fisionomia séria, o seu olhar faiscante; mas esta imagem se turvou a seus olhos de tanto que gritava.³

Alongaremos-nos demasiado se entrarmos em pormenores. Os exemplos apresentados já nos permitem perceber que os irmãos, embora tendo a mesma profissão e vida semelhante, constituem dois pólos opostos. Enquanto Heinrich Mann se engajava social e politicamente, chegando por isso, muitas vezes a situações bem desagradáveis, seu irmão Thomas sempre guardava uma atitude burguesa-humanitária, que somente veio a deixar quando já ocorrera o desastre político. Por se ter recusado várias vezes a declarar abertamente sua posição política, Thomas conseguiu, apesar de muitas hostilidades, permanecer em voga. Tanto um como outro caracteriza na maioria de suas novelas a classe burguesa, mas cada qual à sua maneira.

Pressentindo a decadência da burguesia, Thomas Mann quer salvar a imagem desta. Elogia o afinco do comerciante, enaltece a elegância do ambiente e descreve a simpatia saudosista da classe burguesa pelas artes.

Heinrich Mann já não pressente, mas prevê essa decadência e não intenciona detê-la. O afinco dos comerciantes é para ele uma simples ganância pelo dinheiro. Descreve o ambiente elegante como uma parede frágil, que serve para esconder o vício e a mentira. Considera a simpatia pelas artes um meio de que a classe burguesa se serve para sobrepujar aqueles que não têm acesso à cultura por razões sócio-econômicas.

Thomas Mann fala da aurora, isto é, do surgimento duma nova "Humanidade universal".

Heinrich Mann suspeitava que este conceito fosse simplesmente uma típica covardia do burguês abastado, que tagarela de um humanismo generalizado porque tem medo de envolver-se, no caso de tomar partido, na atmosfera malcheirosa dos pobres e humilhados.

Thomas Mann não só descrevia e representava perfeitamente o burguês culto, mas estava CONSCIENTE de descrevê-lo e representá-lo perfeitamente. Não foram poucos os que se escandalizaram com cartas escritas por Thomas a seu irmão, as quais permitem reconhecer uma boa porção de convencimento do próprio valor. Assim escreveu a respeito de seu romance **Alteza Real**:

"Temo que não possas concordar com a descrição que fiz nele de nossas duas pessoas, mas foi tão bom o estilo por mim empregado!"⁴

Em outra frase novamente se elogia:

3 De LANGENBUCHER, p. 355.9.

4 Compare-se com THOMAS-MANN — Heinrich Mann Briefwechsel 1900 bis 1949. Frankfurt/Main. Fischer Taschenbuch, 1975. p. 75.

"Tenho um talento fora do comum para me conduzir em público".⁵

E, ao chegar aos EUA, declara:

"Onde eu estou, lá está a cultura alemã".⁶

Se acharem que o amor-próprio dum autor não pode reduzir a grandeza de sua obra, sem dúvida terão razão. Existem também cartas dele, nas quais, num estado depressivo, critica severamente suas próprias obras.

Por outro lado, temos de confessar que ele sempre elogiava as obras de outros autores e exaltava as de seu irmão. Mas exigia o mesmo tratamento para si, não suportando crítica alguma. Assim, muitas vezes não ajudava nem aos outros e nem a si mesmo.

Através das memórias de sua viúva⁷ sabemos que já na juventude os irmãos não se falaram por quatro anos. Supõe-se ter sido Heinrich quem geralmente INICIAVA a divergência, mas ser Thomas quem logo se ofendia a ponto de querer o rompimento das relações.

Em seu já citado ensaio sobre Zola, publicado durante a Primeira Grande Guerra, Heinrich Mann declarou-se contrário à atitude apolítica do escritor. No início do ensaio encontra-se a seguinte frase fatal: "Cabe àqueles que cedo murcham, manifestar-se consciente e judiciosamente ao raiar de seus vinte anos".⁸

Thomas Mann se sentiu tão ofendido com estas palavras e com o conteúdo de todo o artigo, o qual visivelmente a ele se referia, que em seu ensaio **Reflexões de um Apolítico** voltou-se violentamente contra o literato politizado.

"Complete-se a tragédia de nossa fraternidade!"⁹

Existe uma resposta de Heinrich Mann a isto, a qual porém nunca foi enviada. Nesta resposta ele censura Thomas Mann por haver incluído em seu conceito de Ética e Humanidade a aceitação de uma guerra (a Primeira Guerra Mundial) que levou à morte dez milhões de pessoas. Pois Thomas Mann, partindo de seu orgulho nacionalista, havia-se declarado a favor da guerra.

Grave doença de Heinrich Mann ocasionou uma reconciliação superficial.

No início da ditadura hitlerista, Thomas Mann teve, também ele, de sofrer hostilidades políticas, contrariamente às próprias intenções. Mas foi no exílio que realmente combateu o nacional-socialismo, por exemplo, em suas famosas emissões radiofônicas.

Observou-se certa vez que Heinrich Mann, em suas obras escritas no exílio, não se revoltou tanto contra a ditadura de

5 THOMAS MANN... p. 27.

6 Ibid., p. 226.

7 MANN, Katja, p. 35.

8 THOMAS MANN... p. 302.

9 Ibid., p. 114.

Hitler quanto seu irmão Thomas. Isto se explica assim: enquanto Thomas nada via além do ideal do humanismo, Heinrich previra o desenvolver da política da época e já protestara contra ela. Quando também Thomas se engajou politicamente, era tarde demais.

Em 1941, Thomas Mann finalmente reconheceu que o nebuloso conceito de "Humanidade universal", pregado por ele no começo do século, contribuíra para o caos político, pois Thomas não dera a seus leitores recurso de defesa algum.

Num discurso por ocasião do septuagésimo aniversário de seu irmão, Thomas afirmou textualmente:

Há muito passaram os tempos em que se podia ver o Humano dividido em diferentes esferas, das quais uma era política — uma esfera especial, com a qual não era preciso preocupar-se. A questão do Homem, o problema da Humanidade, já há muito se apresenta aos nossos olhos como um todo indivisível, e como um todo foi imposta à nossa consciência. O problema da Humanidade todavia inclui a questão política. Não constitui o todo, mas é parte dele. Pode-se devesar afirmar que a questão do Homem se apresenta hoje de forma essencialmente política. O erro fatídico desta cultura classe média alemã foi traçar profunda linha divisória entre Espírito e Vida, entre Pensamento e Realidade e, do alto de uma cultura absoluta, olhar com desdém para a esfera do social e do político.

Tu, Heinrich, já visionaste e apreendeste esta nova situação do Espírito, antes talvez que nós todos. Tu já expressaste a palavra "Democracia", quando todos nós ainda pouco sabíamos utilizá-la. A totalidade do Homem que encerra o ser político, tu a proclamaste em obras literárias que são, ao mesmo tempo, arte nobilíssima e profecia ¹⁰.

É necessária muita inteligência para admitir um erro tão grande. O fato de Thomas Mann ter sido capaz de admitir isto, mostra a sua grandeza.

Por outro lado, nada mais podia mudar em sua obra. A introversão que se revela em suas obras exerce, sem dúvida, forte fascinação sobre o leitor, enquanto o estilo extrovertido de Heinrich Mann facilmente o fere em seu orgulho burguês.

Heinrich Mann nunca pôde entender como alguém "coberto de arminho pudesse apresentar-se e exaltar a Humanidade".

Sentiu que era sua obrigação moral lançar em rosto do leitor a realidade social.

Após ler um romance de Thomas Mann porém, o leitor sente uma satisfação inconfessa em relação ao discreto charme da burguesia. Isto ainda hoje é válido.

¹⁰ THOMAS Mann..., p. 206.10.

Por outro lado, pode-se conceder ao burguês inseguro o gozo de uma emoção sublime ao ler um romance. Mas por outro lado, devemos perguntar-nos se esta emoção não nos impede talvez de reconhecer uma desgraça já existente.

No que se refere aos acontecimentos políticos na Alemanha pode-se dizer que muita coisa poderia ter sido evitada, se se tivesse levado mais a sério as obras de Heinrich Mann. Pois as obras de Thomas Mann aumentam nossa vaidade burguesa, porém não nos oferecem uma arma para combater aqueles que não se importam com o ideal humanístico.

Esta é a resposta à pergunta que formulamos inicialmente. É isto que falta nas obras de Thomas Mann: uma orientação para o presente e para as épocas vindouras.

Evidentemente, Thomas Mann tem um estilo elegante e também um talento especial para exprimir os mínimos detalhes. Mas em várias épocas já se efetuou o julgamento errado de um autor. Se agora elogiamos Thomas Mann, relegando Heinrich a um segundo plano, não podemos estar totalmente certos de que esta opinião prevaleça daqui a 50 anos.

Naturalmente o leitor burguês prefere um saudosismo masoquista a uma crítica aberta. É justamente isto que explica o sucesso de Thomas Mann. Mas quem refletir sobre o que dirão de nós no futuro, não deveria ler Thomas Mann sem escrúpulos. Thomas Mann deveria ser lido às avessas. Pois se nos interrogassem, não nos atreveríamos a afirmar ser a época burguesa tão brilhante como Thomas Mann gostaria que fosse.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LANGENBUCHER, Wolfgang. *Antologia humanística alemã*. Porto Alegre, Globo, 1972. 389 p.
- MANN, Katja. *Meine ungeschriebenen Memoiren*. Frankfurt/Main, Fischer Taschenbuch, 1974.
- THOMAS Mann-Heinrich Mann Briefwechsel 1900 bis 1949. Frankfurt/Main, Fischer Taschenbuch, 1975. 372 p.

Resumo

O escritor alemão Thomas Mann foi um dos últimos grandes romancistas burgueses. Defendeu e exaltou a cultura decadente da classe média com uma eloquência modelar. Após ler um romance de Thomas Mann, o leitor sente uma satisfação inconfessa em relação ao discreto charme da burguesia. — Não era assim seu irmão Heinrich Mann, que também se tornou um escritor bem sucedido. Heinrich Mann já não presente, mas prevê essa decadência e não intenciona detê-la. Sente que é sua obrigação moral lançar em rosto do leitor a realidade social. No que se refere aos acontecimentos políticos na Alemanha, pode-se dizer que muita coisa poderia ter sido

evitada, se se tivesse levado mais a sério as obras de Heinrich Mann. Pois as obras de Thomas Mann aumentam nossa vaidade burguesa, porém não nos oferecem uma arma para combater aqueles que não fazem conta do ideal da "Humanidade geral" por ele pregado. Quem refletir sobre o que dirão de nós no futuro, não deveria ler Thomas Mann sem escrúpulos.

Zusammenfassung

Der deutsche Schriftsteller Thomas Mann war einer der letzten grossen bürgerlichen Romanschreiber. Er hat die dekadente Kultur der Mittelklasse mit einer beispielhaften Beredsamkeit verteidigt und verklärt. Nach der Lektüre eines Romans von Thomas Mann empfindet der Leser eine uneingestandene Genugtuung über den diskreten Charme der Bourgeoisie. — Nicht so sein Bruder Heinrich Mann, der ebenfalls ein erfolgreicher Schriftsteller wurde. Heinrich Mann fühlt nicht nur diese Dekadenz, sondern sieht sie, und bemüht sich nicht, sie aufzuhalten. Er sieht es als seine moralische Verpflichtung an, dem Leser die soziale Wirklichkeit ins Gesicht zu schleudern. Was die politischen Ereignisse in Deutschland betrifft, so kann man sagen, dass vieles hätte vermieden werden können, wenn man die Werke Heinrich Manns sich mehr zu Herzen genommen hätte. Denn die Werke THOMAS Manns schmeicheln zwar unserer bürgerlichen Eitelkeit, doch geben sie uns keine Waffe in die Hand gegen diejenigen, die sich nicht um das von ihm gepriesene Ideal der "allgemeinen Humanität" scheren. Wer sich darüber Gedanken macht, was man von uns in der Zukunft einmal sagen wird, dürfte Thomas Mann nicht ohne Skrupel lesen.